

FORMAÇÃO DE LEITORES NAS BIBLIOTECAS DO SESC SÃO PAULO: CONCEITOS E PRÁTICAS

Juliana Santos¹

RESUMO

Este artigo traz reflexões sobre alguns conceitos e práticas de mediação de leitura presentes nas bibliotecas do Sesc São Paulo. Ao abordar essas temáticas, este estudo pretende contribuir com o debate sobre formação de leitores e a ampliação do acesso aos bens culturais na área da leitura.

Palavras-chave: Bibliotecas. Formação de Leitores. Clubes de Leitura.

ABSTRACT

This article reflects on some of the reading programs concepts and practices present in Sesc São Paulo libraries. In addressing these themes, this study aims to contribute to the debate about readers development programs and expanding access to cultural goods in the reading field.

Keywords: Libraries. Training Readers. Book Club.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte de reflexões no campo da mediação cultural e do acesso aos bens culturais durante participação no Curso de Gestão Cultural do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc, dentro do contexto do trabalho de conclusão de curso. O objetivo é apresentar alguns conceitos e práticas relacionadas à formação de leitores no âmbito de uma educação não formal presentes na atuação das bibliotecas do Sesc São Paulo. Trata-se de um estudo com um recorte bem específico e que não pretende dar conta de todo o conjunto e da diversidade das ações culturais desenvolvidas nesses espaços.

1 Formada em História, com mestrado em Educação e especialização em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo. Atualmente é assistente técnica da Gerência de Ação Cultural do Sesc-SP. E-mail: juliana.santos@sescsp.org.br.

Buscando contribuir com o debate sobre mediação cultural, a intenção inicial do trabalho, além de discorrer sobre os conceitos dos espaços de leitura propostos pela instituição, era compreender a perspectiva do público frequentador das bibliotecas em relação às suas práticas leitoras. Devido à iminência da crise sanitária da Covid-19, que impôs o isolamento social com o consequente fechamento de todas as unidades do Sesc São Paulo no momento da realização da pesquisa, foi necessário reformular o caminho. Desse modo, a escuta sobre as práticas se voltou apenas aos bibliotecários que idealizam e acompanham as atividades nas bibliotecas, por meio da aplicação de um questionário.

Diante deste cenário de isolamento social que vivemos desde março de 2020, ressaltamos que os relatos e análises apresentadas neste texto situam-se no momento anterior à pandemia, em que as unidades do Sesc encontravam-se normalmente abertas para as atividades presenciais, em todos os seus programas. Porém, é importante lembrar que, diante da necessária restrição às atividades presenciais que este momento exige, grande parte das programações culturais regulares do Sesc foram mantidas em ambiente virtual. Esse é o caso dos clubes de leitura, sobre os quais falaremos mais adiante, que continuam a ser realizados em diversas unidades, através de plataformas digitais².

Em um primeiro momento, abordaremos as premissas conceituais das bibliotecas do Sesc São Paulo e, posteriormente, apresentaremos algumas práticas relacionadas à formação de leitores e mediação de leitura presentes nesses espaços, focando especialmente os chamados clubes de leitura.

É necessário ainda dizer que minha atuação como assistente da área de Literatura e Bibliotecas da Gerência de Ação Cultural do Sesc São Paulo, assim como, anteriormente, como técnica de programação na área de literatura em duas unidades operacionais, também possibilitou a escrita deste texto. Dessa maneira, neste artigo encontra-se, em alguns momentos, o registro dessa atuação profissional na instituição.

AS BIBLIOTECAS DO SESC SÃO PAULO: ABORDANDO CONCEITOS

As bibliotecas do Sesc São Paulo estão inseridas na perspectiva de ação cultural e de educação não formal e permanente promovidas pela instituição em todos os seus programas, com o objetivo prioritário de proporcionar bem-estar e qualidade de vida aos trabalhadores do comércio

² Atualmente, dez unidades realizam os clubes de leitura em formato online, como parte de sua programação cultural.

de bens, turismo e serviços e suas famílias. Trata-se de um equipamento de cultura cuja gestão é privada, que tem como pressuposto a educação e a cultura como meios de transformação social³ e que estabelece o caráter público para suas bibliotecas, uma vez que o acesso a estes espaços e aos serviços de empréstimo e consulta ao acervo é gratuito e aberto a todos.

Antes de seguirmos, é fundamental delimitar nosso campo de análise. As bibliotecas do Sesc São Paulo integram a Rede Sesc de Bibliotecas, de âmbito nacional, que possui mais de 360 unidades em todo o Brasil, localizadas em centros culturais, escolas, centros de documentação, além das bibliotecas móveis do projeto BiblioSesc⁴. Este estudo, porém, ficará restrito ao contexto do Sesc São Paulo.

O Sesc São Paulo possui, atualmente, 21 bibliotecas fixas e 6 bibliotecas volantes, do projeto BiblioSesc. As bibliotecas integram a área denominada Literatura e Bibliotecas, que possui entre seus eixos norteadores a promoção e o incentivo à leitura e a formação de leitores. O número de unidades com bibliotecas vem crescendo nos últimos anos, o que se relaciona diretamente ao crescimento institucional com a abertura de novas unidades operacionais, como o Sesc Jundiaí (2015), Birigui (2017), 24 de Maio (2017), Avenida Paulista (2018) e Guarulhos (2019). Podemos relacionar esse dado também a consonância destes espaços de leitura às propostas de ação cultural e educacional do Sesc, assim como a grande demanda e consequente ocupação pelo público, bastante diverso. Para dar alguns exemplos dessa ocupação, observamos estudantes que procuram os espaços para seus estudos, muitas vezes em grupos; é muito frequente a presença de pessoas idosas que leem diariamente jornais, revistas e livros; devemos citar a demanda crescente por crianças com seus responsáveis nos espaços voltados a literatura para crianças; além de pessoas em situação de vulnerabilidade social e muitos outros.

O conjunto do acervo das bibliotecas fixas é composto por cerca de 108 mil títulos, além de cerca de 26 mil títulos presentes no acervo das bibliotecas volantes. Em 2019, foram realizados 232.266 empréstimos de livros (SESC, 2020). O acervo é formado majoritariamente por livros e periódicos, mas também inclui outros formatos como audiolivros voltados a pessoas com deficiência visual, sendo que a acessibilidade do acervo a este

3 Para mais informações sobre a missão institucional do Sesc, ver: <<https://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/quem-somos/apresentacao/>>. Acesso em: abr. 2021.

4 O projeto BiblioSesc foi criado em 2005 pelo Departamento Nacional do Sesc, com o objetivo de atender localidades distantes e comunidades com poucas oportunidades de acesso à leitura. Atualmente são 57 bibliotecas móveis em todo o país. Em São Paulo há seis caminhões que percorrem os bairros das regiões das unidades de Campo Limpo, Itaquera, Interlagos, Osasco, Santana e São Caetano.

público também acontece por meio da disponibilização de equipamentos como o Ampliador de Caracteres, Linha Braille e Scanner de Voz⁵.

A maior parte do acervo é voltado para a área de literatura — compreendendo literatura brasileira, estrangeira, juvenil, infantil, quadrinhos, poesia. O acervo também é composto por títulos relacionados às outras áreas de atuação da instituição, como artes, esportes, lazer, saúde, meio ambiente, educação e humanidades. Além dos livros para empréstimo, são disponibilizados jornais e revistas para consulta local.

A ênfase do acervo na leitura literária está diretamente relacionada ao contexto da formação de leitores dentro do âmbito da educação não formal, de um espaço voltado ao bem-estar, lazer e qualidade de vida. Retomamos nesse ponto o pensamento de Antonio Candido em seu texto *O direito à literatura*, no qual analisa a importância da literatura na formação humana, defendendo-a como um direito humano fundamental. O crítico discorre sobre as diferentes dimensões da literatura, como instrumento de conhecimento, forma de expressão e em especial portadora da poesia, ficção e fabulação fundamentais ao ser humano, possibilitando o enriquecimento de nossa percepção e visão de mundo (CANDIDO, 2011).

Levando em consideração a perspectiva da educação não formal e permanente acima apontada, o propósito e conceito das bibliotecas do Sesc-SP estão centrados na ideia de convivência, encontro e ação cultural. Assim, as bibliotecas são:

... espaços de leitura e convivência. Além da consulta de revistas e jornais e empréstimos de livros, oferecem ambientes favoráveis à troca de experiências literárias, culturais e educativas, com o objetivo de facilitar o acesso ao livro, incentivar as práticas de leitura e a formação de leitores. Atividades programáticas acontecem regularmente nas bibliotecas, como encontros com escritores, narração de histórias, leituras coletivas e debates⁶.

A biblioteca é aqui compreendida, primordialmente, como um espaço de encontro e de trocas entre os leitores e frequentadores, cujo foco principal está no acolhimento e no relacionamento com o público. Ao mesmo tempo, o objetivo é o incentivo à prática da leitura, não apenas por meio

5 Os equipamentos de acessibilidade estão disponíveis atualmente em treze bibliotecas do Sesc SP.

6 Disponível em <https://www.sescsp.org.br/servicos/28_BIBLIOTECA#/content=57_biblioteca>. Acesso em: 25 maio 2020.

do empréstimo e consulta a livros e periódicos, mas também por meio da realização de uma programação cultural relacionada ao universo do livro, da literatura e leitura.

Essa linha conceitual, ainda que com reformulações e atualizações, vem sendo colocada em prática pela instituição pelo menos desde o início da década de 1980, como aponta Ana Luisa Sirota de Azevedo em sua pesquisa, referindo-se em especial ao documento *Projeto Biblioteca Sesc*, datado de 1981 (AZEVEDO, 2016, pp. 5-8).

A proposta de uma biblioteca voltada para o público, para as pessoas e leitores que a acessam, bem como promotora de diferentes formatos de animação cultural em seu interior, possui como premissa uma visão que se contrapõe à imagem tradicionalmente vinculada à biblioteca. Essa imagem denominada aqui de “tradicional” estaria associada a um espaço silencioso, austero, com seu ambiente predominantemente ocupado pelo acervo. Esse *outro* lugar dos espaços de leitura, dentro de um contexto das bibliotecas públicas ou comunitárias, por exemplo, é cada vez mais comum. No livro *A casa da invenção*, Luis Milanese chama a atenção para uma transformação que ocorria no início da década de 1990 nas bibliotecas públicas, que começavam a diversificar seus papéis, abrindo espaço para outras atividades que não unicamente o trabalho direto com o acervo. Levando em consideração que as bibliotecas são equipamentos culturais presentes em grande parte do território brasileiro⁷, o autor defende que elas sejam compreendidas e passem a atuar como centros de cultura: “No Brasil, nesta última década do século XX, não é mais possível construir uma biblioteca pública e um centro de cultura como entidades distintas. Há muito a primeira deixou de ser apenas uma coleção de livros e o segundo não pode existir sem que as informações estejam disponíveis” (MILANESI, 1991, p. 174).

Milanesi defende ainda que esses espaços estejam baseados em três ações essenciais: informar, discutir e criar. Assim, além da ação de organização e disponibilização da informação, entrariam em cena diversas ações ligadas ao debate entre os frequentadores, assim como atividades que propiciem a criação e proposição das pessoas que frequentam a biblioteca. Dessa forma, Milanese é um dos grandes propulsores no Brasil de um deslocamento de olhar para as bibliotecas enquanto centros de cultura, tornando-se assim lugares com maior potencial para desenvolver sua função informacional e de formação de leitores.

⁷ Segundo o *Sistema de Informação e Indicadores Culturais 2007–2018* (IBGE, 2019), em 2018, 87,7% dos municípios brasileiros contavam com biblioteca pública. Apesar desse número já representar uma queda em relação a 2014, quando chegou a 97,1%, é um número expressivo para o caso brasileiro, sendo um dos maiores em relação à presença de equipamentos culturais nos municípios.

David Lankes, em seu livro *Expect More: melhores bibliotecas para um mundo complexo*, aprofunda essa relação mais aberta e em diálogo com os frequentadores, dizendo que a função principal desses espaços seria a aproximação e integração com a comunidade.

A nova visão da biblioteca não é como local ou como acervo de livros, mas como uma plataforma comunitária para a criação e o compartilhamento de conhecimento. Isso é mais do que uma mudança retórica. Tem reais implicações no modo como as bibliotecas se organizam e usam a tecnologia. (LANKES, 2016. p. 116.)

Nesta reflexão, é incontornável lembrar do projeto dos Parques Biblioteca da cidade de Medellín, na Colômbia, como um exemplo exitoso de expansão da atuação deste equipamento cultural tendo a relação com a comunidade como um dos seus principais eixos. O projeto fez parte de uma proposta maior da prefeitura da cidade de transformação urbana e social, abarcando diferentes setores como transporte, habitação, educação e cultura, de maneira integrada. Nesse amplo contexto, as Bibliotecas Parques foram uma das principais estratégias de transformação social utilizadas pelo poder público, apostando em sua potencialidade de espaços públicos apropriados pela comunidade a convivência pacífica (PEÑA GALLEGO, 2011). Cauê Capillé, em seu artigo intitulado *Arquitetura como dispositivo político: introdução ao Projeto de Parques Biblioteca em Medellín*, afirma que “os Parques Biblioteca foram construídos para promover práticas educativas, culturais e sociais de seus bairros circundantes (...), funcionando como pontos de transformação e fortalecimento das comunidades e culturas locais” (CAPILLÉ, 2017, p. 6)⁸.

Essas foram apenas algumas referências, mas poderíamos citar muitos outros exemplos entre bibliotecas públicas estaduais, municipais, assim como bibliotecas comunitárias.

É preciso pontuar que os casos acima mencionados se referem a bibliotecas públicas compreendidas enquanto centros culturais. No caso do Sesc São Paulo, suas bibliotecas estão localizadas dentro de centros culturais, em prédios que abrigam amplas atividades ligadas a diferentes áreas, como práticas esportivas, artes, alimentação, lazer e educação não formal.

8 Os Parques Biblioteca inspiraram outros países da América Latina, como foi o caso do Brasil, com as Bibliotecas Parques do Rio de Janeiro, cuja primeira unidade foi inaugurada em 2010 no bairro de Manguinhos.

O que gostaria de ressaltar aqui são alguns elementos comuns a essas propostas. Um desses elementos seria uma tentativa de promover mudanças de paradigma tendo como intenção a ampliação do acesso aos bens culturais, nesse caso diretamente vinculados à área do livro e da leitura. Ou seja, uma proposta de abertura da perspectiva diante de um lugar tradicionalmente identificado com uma determinada cultura letrada e erudita, que possui símbolos e códigos, comportamentos instituídos ou esperados. Aqueles que já estão dentro desse universo, transitam por esses espaços ou compreendem sua linguagem mais rapidamente. No entanto, esse conjunto de símbolos e comportamentos pode gerar barreiras simbólicas que, por sua vez, atuam no sentido contrário aos objetivos de ampliação do acesso aos bens culturais de maneira universal e democrática. Vale retomar a reflexão da pesquisadora Isaura Botelho sobre formação de públicos:

Se sabemos que o “desejo por cultura” não é natural, mas cultivado, fica claro que a adesão das pessoas a práticas culturais não é natural. As iniciativas de democratização têm ignorado o contexto sociológico e as barreiras simbólicas que envolvem as práticas de natureza artística e cultural, além do peso das variáveis sociodemográficas, como nível de educação, faixa etária, renda e localização domiciliar. A estas se deve acrescentar uma “variável oculta” e de peso indiscutível, que é a bagagem cultural herdada de um ambiente familiar afeito a práticas culturais (BOTELHO, 2016, pp. 167-8.)

Botelho nos alerta que a ação cultural deve considerar, portanto, não apenas a oferta ou disponibilização dos equipamentos ou bens culturais, mas as diversas variáveis que influem na constituição ou formação de um hábito cultural.

PRÁTICAS DE MEDIAÇÃO DE LEITURA – OS CLUBES DE LEITURA

Como abordado acima, as bibliotecas do Sesc São Paulo realizam em seus espaços ações de programação cultural como forma de aproximar ou incentivar o público à prática da leitura. Esse conjunto de ações é compreendido como diferentes formas de mediação de leitura, sendo que as principais atividades realizadas são: encontros e debates com escritores, pesquisadores, professores ou outros profissionais da área do livro e da leitura; narração de histórias; intervenções literárias (com recursos cênicos e musicais); clubes ou rodas de leitura; organização de estantes temáticas

em diálogo com a programação existente na unidade, assuntos relacionados a efemérides ou de interesse coletivo; sessões de leitura coletiva, em especial para crianças e seus responsáveis⁹.

Para um olhar mais aprofundado sobre essas práticas, selecionamos especificamente três clubes de leitura de unidades do Sesc do centro da cidade de São Paulo: Carmo, Bom Retiro e 24 de Maio. Com o objetivo de compreender o que motiva o público a participar de clubes de leitura e quais os possíveis desdobramentos em sua prática pessoal de leitura, foi realizado um questionário junto aos três bibliotecários das unidades acima mencionadas, Luciana Florindo, Ana Paula Cechinel e Marco Antonio Rosa, respectivamente. Abaixo relatamos os dados mais relevantes, a partir da aplicação do questionário.

Os clubes de leitura abordados têm periodicidade mensal. A condução, geralmente, é feita por um profissional/mediador contratado, que pode ser um escritor, professor ou pesquisador da área de leitura e literatura. É comum que esse profissional siga com a condução dos encontros por determinado período, como uma maneira de manter a continuidade da linha curatorial e certo vínculo entre os participantes.

Os encontros acontecem quase sempre com a presença de cinco a quinze participantes, sendo que esse público é bem diversificado, em geral composto tanto por leitores habituais que costumam emprestar livros regularmente, como por pessoas que ainda não frequentavam o espaço. A temática abordada — ou mesmo o livro selecionado — foi apontada como elemento de atração para a motivação em participar das sessões. É também comum que essa motivação se dê pelo interesse na obra ou pelo anterior acompanhamento do trabalho do escritor convidado para a condução do encontro. Interessante notar que, dentre os que ainda não frequentavam a biblioteca do Sesc, a maioria já integrava outros clubes de leitura na cidade. Assim como a informação de que parte significativa dos participantes é frequentador de outras bibliotecas do Sesc e/ou bibliotecas públicas do centro da cidade.

A escolha das obras e dos temas é feita, usualmente, pelo bibliotecário em conjunto com o profissional ligado à programação da área de literatura e o profissional/mediador convidado. A percepção geral é que o resultado dessa curadoria é apreciado pelos participantes, e nos comentários de leitores foi destacado o fato de os clubes possibilitarem a ampliação do

9 Nesse último caso, a atividade acontece com profissionais que organizam um espaço de acolhimento, selecionam e disponibilizam os livros de maneira mais livre. Os livros são lidos em conjunto com as pessoas que se interessam, tanto individualmente quanto coletivamente.

repertório literário, trazendo autores e títulos até então desconhecidos. A participação do público na indicação dos títulos também foi citada nos relatos, porém de maneira mais pontual e informal, ocorrendo por meio das conversas entre os leitores e funcionários ou mediadores convidados. Após a escolha dos títulos, alguns exemplares são disponibilizados nas bibliotecas para empréstimo, sendo às vezes necessário fazer lista de reserva. Não foi apontado nos relatos dificuldade de acesso ao livro pelos leitores.

Foi consenso que as atividades de clubes de leitura promoveriam desdobramentos positivos e o fortalecimento da prática leitora entre os participantes. Um dos principais indicadores apontados para embasar essa afirmação é o aumento do número de empréstimos de livros realizados: “Os leitores participantes do clube passam a emprestar duas vezes mais livros que os leitores não participantes. É comum também o leitor ‘devorar’ a obra completa de um escritor que ele tenha apreciado”¹⁰. Outro indicador é a procura pelo título abordado após a realização do encontro pelos participantes. Um exemplo interessante relacionado aos desdobramentos dessas práticas foi a criação de um clube de leitura por uma leitora, em sua própria casa e em conjunto com amigos, inspirada nos encontros vivenciados no Sesc.

Cabe ressaltar, também, ressonâncias ou desdobramentos no campo subjetivo, que mostram a importância das vivências e das trocas de conhecimentos e entendimentos que os clubes de leitura propiciam, como podemos perceber no depoimento abaixo:

... nos encontros percebi que algumas vezes as conversas encontravam e misturavam as vidas das personagens e de quem participava. O livro, ou uma determinada personagem, era gatilho para trocas reais de experiências, tornando o encontro próximo e cheio de outras perspectivas, e era nítido que as mulheres que mantiveram a frequência no ciclo foram as que mais se manifestaram¹¹.

Todos entenderam que o espaço de realização das atividades foi adequado, sendo possível receber o público de maneira confortável, e isso pode ser identificado pela maneira ativa que os participantes interagem com o mediador e com o grupo. Nas bibliotecas das unidades 24 de Maio e Bom Retiro, a simultaneidade da atividade com outras atividades não foi apontada como geradora de conflitos entre os demais frequentadores¹².

10 Luciana Florindo, bibliotecária do Sesc Carmo.

11 Ana Paula Cechinel, bibliotecária do Sesc Bom Retiro.

12 No Sesc Carmo, a atividade ocorre após o horário de fechamento da biblioteca.

São pouquíssimos os episódios de conflito entre leitores e participantes das atividades no espaço, talvez a arquitetura do prédio já indique que não é um espaço de silêncio absoluto, que tudo funciona ali sem portas e sem janelas. Quando existem essas manifestações, ouvimos atentos e explicamos que o espaço é de convivência, que acolhe atividades programáticas, que dispomos de abafadores se o barulho é o que incomoda, explicamos e convidamos para a atividade que está acontecendo, enfim conversamos para tentar auxiliar no que for possível¹³.

Ana Paula Cechinel traz um elemento importante em sua fala, relacionado à arquitetura e à configuração espacial do ambiente da biblioteca. A estrutura e o mobiliário são elementos fundamentais que comunicam de imediato a proposta de convivência e acolhimento. Isso não significa que resolvem por si só qualquer conflito que possa surgir nessa perspectiva expandida da biblioteca. Na mesma fala, podemos perceber a importância fundamental do trabalho de mediação realizado pelas equipes que atuam na biblioteca, no sentido de explicar a natureza do espaço, integrar e acolher as diferenças.



Biblioteca do Sesc Bom Retiro. Foto: Daniel Ducci.

Com a intenção de relacionar os dados que apareceram na aplicação do questionário ao propósito deste estudo, podemos constatar que, de maneira geral, o público participante dos clubes de leitura está inserido em um contexto de prática leitora, como vimos pelo fato de circularem por outros

13 Ana Paula Cechinel, bibliotecária do Sesc Bom Retiro.

ambientes e espaços do livro na cidade. As atividades são abertas e não há obrigação de leitura prévia para integrá-las, podendo potencialmente atrair pessoas que ainda não estão completamente inseridas neste universo; no entanto, verificamos que isso ocorre mais eventualmente no caso dos clubes de leitura¹⁴.

Como possíveis desdobramentos, também destacamos a ampliação de repertório e o aprofundamento da relação com a leitura. Outro dado relevante é a dimensão de experiência, no sentido da convivência e troca entre os participantes, como algo que promove pertencimento e reconhecimento em determinado grupo.

Sobre a importância dessa dimensão da experiência ou vivência artística, a pesquisadora Isaura Botelho diz:

Ter a oportunidade de vivenciar a dança, o teatro ou a música é a melhor maneira de aprofundar a relação com as artes, incidindo diretamente sobre as formas de fruição do indivíduo e permitindo ultrapassar a relação de mero entretenimento para transformá-la numa prática que se desdobra num processo de desenvolvimento pessoal. Assim, para alimentar adequadamente o circuito de criação, difusão e fruição, a formação deve ser considerada em sentido amplo: a formal, instituída na escola, e a informal, continuada, pela oferta de oportunidades em equipamentos culturais diversos. Nesse último caso, centros culturais, museus, salas de concerto têm um importante potencial formador, podendo compensar ou complementar a falta de linguagens artísticas na escola ou na família. (BOTELHO, 2016, p. 168.)

Apesar da referência acima abordar as práticas artísticas de maneira mais geral, acreditamos que essa reflexão possa ser deslocada para pensarmos a importância da vivência da literatura ou da leitura literária que são realizadas nos equipamentos culturais de educação não formal.

14 Como já mencionado, os clubes de leitura não são as únicas atividades voltadas à mediação de leitura desenvolvidas nas bibliotecas. Há outras ações mais direcionadas a pessoas que ainda não possuem o hábito ou o gosto pela leitura, ou que estão no início do processo de formação, como a narração de histórias, as leituras coletivas ou intervenções literárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, que teve sua quinta edição publicada em setembro de 2020, demonstra que quase a metade da população brasileira não é considerada leitora, revelando que ainda há um longo caminho para a garantia do direito à leitura¹⁵. Nesta publicação mais recente, com dados de 2019, 52% dos brasileiros são considerados leitores, o que representou uma queda em relação os dados da quarta edição, de 2015, em que 56% foram considerados leitores.

Neste cenário, as bibliotecas continuam sendo equipamentos culturais fundamentais para ampliação e garantia do acesso à informação e à leitura. No caminho da ampliação dos públicos leitores, destacamos a perspectiva de uma biblioteca voltada não apenas para a oferta ou disponibilização de consultas e empréstimos de livros e acesso à informação, mas à formação, acolhimento e criação de vínculos e diálogos com sua comunidade circundante, no sentido de romper algumas barreiras que dificultam historicamente o acesso aos bens culturais.

As bibliotecas do Sesc São Paulo compartilham desse propósito atuando com o objetivo de formação de leitores dentro do contexto da educação não formal. Isso ocorre por meio da concepção de um espaço de convivência que procura acolher as diferentes demandas do público e as diferentes formas de leitura. Ao mesmo tempo, além da preocupação com a arquitetura e a acessibilidade como elementos constituintes dessa proposta, atua na proposição de práticas regulares de animação cultural. A partir da análise de três clubes de leitura, constatamos o potencial dessas atividades no sentido de garantir a formação permanente e contínua dos leitores, possibilitando não somente ampliação do conhecimento e repertório literário, mas se constituindo como importantes espaços de troca, experiência e fruição. Outrossim, às vezes os desdobramentos dessas ações são imprevisíveis, como o caso da leitora que criou o seu próprio clube.

Apesar da dimensão limitada desta breve investigação, esperamos que possa contribuir para a difusão desta importante experiência de educação não formal das bibliotecas do Sesc São Paulo e inspirar novos e aprofundados estudos.

15 A pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* tem por objetivo conhecer os comportamentos e hábitos de leitura dos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ana Luísa Sirota de. *Biblioteca: conceito, práticas e gestão no Sesc São Paulo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Cultural) – Centro de Pesquisa Formação, Serviço Social do Comércio, São Paulo, 2016.
- BOTELHO, Isaura. *Dimensões da Cultura: Políticas Culturais e seus desafios*. São Paulo: Edições Sesc, 2016.
- CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- CAPILLÉ, Cauê. “Arquitetura como dispositivo político”. *Prumo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, jul. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/325>>. Acesso em: 11 maio 2020.
- FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro / São Paulo: Sextante / IPL, 2016.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sistema de informações e indicadores culturais: 2007-2018*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
- IFLA – Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias. *Manifesto da Ifla/Unesco sobre Bibliotecas Públicas 1994*. Haia: Ifla/Unesco Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-pt.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2020.
- IPL – Instituto Pró-Livro; IC – Itaú Cultural. *Retratos da Leitura no Brasil*. 5. edição. 2020. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- LANKES, David R. *Expect More: melhores bibliotecas para um mundo complexo*. São Paulo: Febab, 2016.
- MILANESI, Luis. *A Casa da Invenção – centros de cultura: um perfil*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- PEÑA GALLEGÓ, Luz Estela. “Las bibliotecas públicas de Medellín como motor de cambio social y urbano de la ciudad”. *BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació*, Barcelona, n. 27, [s.p.], dez. 2011. Disponível em: <<http://bid.ub.edu/27/pena2.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2020.
- SESC – Serviço Social do Comércio, Administração Regional no Estado de São Paulo. *Realizações: 2019*. São Paulo: Sesc, 2020.